

# HISTORIOGRAFIA JURÍDICA: PAUSÂNIAS E A MIRAGEM HELÊNICA

**Arnaldo Moraes Godoy**

Procurador da Fazenda Nacional de Categoria Especial.  
Doutor e Mestre em Filosofia do Direito pela PUC-São Paulo.  
Diplomado em Direito Internacional pela Academia de Haia, Holanda.

## RESUMO

Cuida da historiografia jurídica e da apropriação do legado da Grécia Clássica. Indica textos de Pausânias como típicos da formação de miragem helênica. Recomenda atitude crítica na leitura do passado em âmbito de história do direito.

**PALAVRAS-CHAVE:** história, direito, Pausânias, legado grego, democracia.

## ABSTRACT

The paper considers law history on a sense that there has been manipulation towards Classical Greece. It shows some texts from Pausanias as relevant in this trend of historical approach. It recommends criticism in the treatment that past has to have concerning law history.

**KEYWORDS:** law history, Pausanias, greek legacy, democracy.

Metodologia da historiografia do direito recomenda que se suspeite do poder, do romantismo, das continuidades.<sup>1</sup> Discurso convencional justifica práticas políticas de dominação no legado grego, atitude que suscita a aludida desconfiança em relação ao poder. Trata-se de comportamento romântico, que percebe modelos políticos contemporâneos quais resultados fossem de evolução, cujos primeiros passos teriam se dado em ambiente helênico. Práticas políticas e jurídicas encetam relações estruturais importantes,<sup>2</sup> legitimadas por visão subjetivista da história, de cunho presenteísta<sup>3</sup>: lê-se o passado com objetivos de se justificar o presente. Palavras em desuso são apropriadas, manobradas<sup>4</sup>, formatando-se passado que é menos o que realmente teria sido e mais o resultado da imaginação histórica. Tais axiomas podem ser comprovados mediante avaliação da apropriação historiográfica do legado grego, tema do presente artigo, que pretende identificar em textos clássicos, atribuídos a Pausânias, primeiros ensaios no sentido de se conceber idílio grego, formatador de miragem helênica.

Contradições, perplexidades, ambigüidades marcam o legado romântico da Grécia Clássica. Análise mais objetiva é prejudicada porque somos contagiados por recorrente idéia que nos dá conta de que a Grécia é o berço de nossa cultura. Muitas das civilizações antigas não deixaram marcas. Porém, restos do passado helênico são encontrados na península balcânica, nos grandes museus (Paris, Nova Iorque, Londres, Berlim, Roma, Atenas, Toronto), nos livros que compõem nossa tradição.

Ao contrário de egípcios, mesopotâmios, babilônicos, romanos, cujas línguas não são mais faladas (exceto o latim, em suas formas canônica e científica), gregos mantêm falar de certa maneira próximo dos dialetos ático (consagrado por Tucídides e Platão) e koiné (aclamado no Novo Testamento). O que permite vínculo maior do presente com o pretérito, fazendo do passado grego peso e obsessão para helenos contemporâneos. Quando visitados, tem-se que o visitante busca exemplares

humanos já inexistentes, amalgamados e transformados pelas idas e vindas da história, ciência que os gregos teriam criado, quando Heródoto narrara suas andanças, embora estivesse ele mais preocupado com o tempo em que vivia.

Que Grécia buscamos? Em rigor, existem quatro: micênica, clássica, bizantina e moderna. A tradição cisma em hipervalorizar a Grécia clássica, decorrência de inegáveis e incontestáveis méritos culturais. No entanto, tem-se a interação de influências recíprocas, formando-se riquíssimo mosaico cultural. Tendências chocam-se, atraem-se, repelem-se, desconcertando, desafiando analistas e analisados.

Arnold Toynbee, estudioso da cultura grega, reconhecidamente o primeiro a usar o epíteto pós-moderno<sup>5</sup>, sentiu esse choque cultural e anotou:

“Tal como os judeus e os chineses, os gregos criaram imagens de seu próprio passado que não correspondem ao quadro visto por arqueólogos e por historiadores não emocionalmente envolvidos”.<sup>6</sup>

As Grécias homenageiam seus passados próximos, embora o período clássico seja o mais lisonjeado. É esse o tempo que encanta artistas, pensadores, homens públicos, historiadores. A busca dessa Grécia Clássica é frustrante, quando não conseguimos isolá-la, decompô-la, entendê-la, relacionando-a com referências históricas mais seguras. Herbert Müller, estudando os usos do passado, evidenciou a contradição, vivida pelo poeta Shelley, que cantava uma Grécia que não mais existia:

“Quando Shelley estava escrevendo seu poema ‘Hellas’, seu irônico amigo Trelawney levou-o a bordo de um pequeno navio grego que estava ancorado em Leghorn. Assim Shelley poderia encontrar alguns gregos em carne e osso. Trelawney nos conta como Shelley encontrou o sujo navio infestado por uma tripulação de ciganos que gritavam, gesticulavam, fumavam, comiam e jogavam como selvagens”.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> José Reinaldo de Lima Lopes. *O direito na história*, p. 19 e ss.

<sup>2</sup> Antonio M. Hespanha. *A história do direito na história social*, p. 30.

<sup>3</sup> Adam Schaff. *História e verdade*, p. 111.

<sup>4</sup> Marc Bloch. *Introdução à história*, p. 171 e ss., R. G. Collingwood. *The Idea of history*, p. 231 e ss.

<sup>5</sup> Steven Connor. *Cultura pós-moderna, introdução às teorias do contemporâneo*, p. 57 e Thomas Docherty, *Post Modernism, a Reader*, p. 1.

<sup>6</sup> Arnold Toynbee. *A Herança dos Gregos*, p. 17.

<sup>7</sup> Hebert F. Müller. *The uses of the past*, p. 99. Tradução livre do autor. When Shelley was writing his poem ‘Hellas,’ his ironic friend Trelawney took him aboard a Greek caique at Leghorn, so that he might meet some Greeks in the flesh, Trelawney reports how he found a dirty little ship infested by a gypsy crew, ‘shrieking, gesticulating, smoking, eating, and gambling like savages’.

A esse conflito não escapam nem mesmo os próprios gregos. Nikos Kazantzakis, escritor cretense nascido em 1885, mistura situações de violência, opressão, injustiças, com lirismo, como a seguinte passagem, anotada em *Zorba, o Grego*:

“São muitos os prazeres desse mundo – as mulheres, as frutas, as idéias. Mas singrar esses mares, num outono suave, murmurando o nome de cada ilha – não há, estou certo, alegria maior que possa mergulhar o coração do homem no paraíso. Em nenhum lugar se passa tão suavemente da realidade ao sonho. As fronteiras se diluem, e os mastros do mais austero navio deitam ramos e cachos. Poder-se-ia dizer que na Grécia o milagre é a flor inevitável da necessidade”.<sup>8</sup>

Ou Giorgios Seferis, prêmio Nobel de literatura de 1963, unido à Grécia por amor quase carnal, nostálgico, na busca de paraíso perdido, saudoso, cujo lirismo é inspirado no patriotismo:

(...)  
Enquanto isso, a Grécia viaja,  
Viaja sempre,  
E se ‘O Mar Egeu floresce de cadáveres!’  
São os corpos dos que quiseram  
Alcançar a nado o grande navio,  
(...)  
Onde quer que me leve a  
Viagem,  
A Grécia me fez mal (...) <sup>9</sup>

Séferis viveu intensamente a saudade, o amor à pátria insultada por ditadura militar. Certa feita perguntaram-lhe como ele poderia viver na Grécia com aqueles coronéis. Ele respondia que vivia na Grécia, por ser seu país. Além disso, sugeria que os repórteres perguntassem aos coronéis como podiam viver na Grécia, com Seferis...<sup>10</sup> A Grécia dos coronéis é retratada

no filme “Z”, de Costa Gravas, película que expõe com realismo as tensões do país durante a Guerra Fria.

Visitantes emitem opiniões mais ortodoxas:

“Atenas é uma cidade de estranhos. Quarenta por cento de seus habitantes vêm de fora (...). Muitos refugiados estão em Atenas. A área entre Atenas e Pireus, até recentemente local de fábricas ou campos abertos, torna-se uma imensa favela onde meio milhão de pessoas vivem em esqualidas condições”.<sup>11</sup>

A eleição da Grécia como referencial remonta a Pausânias, que viveu no século II d.C.. Viajou pelo país, descrevendo sítios, lugares, paragens, monumentos. No-lo informa Augusto Mancini, historiador da literatura grega:

“Fonte de extraordinária importância para o conhecimento de antigüidades gregas públicas e privadas, e sobretudo para a arqueologia, é a obra de Pausânias, natural de Magnésia do Sípilo, na Lídia, que viveu no século II: *Periegesis da Grécia*, em 10 livros, que lhe valeu o título antonomástico de ‘Perigeta’. É, efectivamente, uma obra que não tem comparação na antigüidade, pela copiosidade de notícias e dados quase sempre fidedignos e que por vezes não têm outra documentação senão a que nos dá Pausânias.”<sup>12</sup>

Ruínas da Grécia capacitam-nos a endossar os julgamentos de Pausânias:

“(…) sua obra é um guia escrito para turistas em que, tratando sucessivamente das várias partes da Grécia, ele enumera as coisas mais dignas de serem vistas nas mesmas, especialmente estátuas, quadros, túmulos e santuários, com suas lendas etimológicas, casos, digressões históricas, etc”.<sup>13</sup>

“Pausânias redigiu o mais importante referencial para exploração da Hélade, utilizado até o século passado. É com Pausânias na bagagem que viajantes exploram as riquezas da Grécia, nos séculos XVIII e XIX.”<sup>14</sup>

Tem-se a confirmação de Jacques Lacarriere:

<sup>8</sup> Nikos Kazantzakis. *Zorba, o Grego*, p. 21.

<sup>9</sup> Giorgios Seferis. *Poemas*, p. 77.

<sup>10</sup> Peter Levi. *The Hill of Kronos*, p. 151.

<sup>11</sup> James Pettifer. *The Greeks, The land and people since the war*, págs. 99 e ss. Tradução livre do autor. Athens is a city of strangers with as many as 40 per cent of today’s inhabitants born elsewhere.(...) But many more refugees were settled in Athens itself. The areas between Athens and Piraeus, hitherto open fields or factories, became a vast shanty town where over half a million people lived in squalid conditions.

<sup>12</sup> Augusto Mancini. *História da Literatura Grega*, p. 236.

<sup>13</sup> Paul Harvey. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*, p. 382.

<sup>14</sup> Roland e Françoise Etienne. *The Search for Ancient Greece*, p. 16.

Pausânias. Um nome bem conhecido de todos os arqueólogos, helenistas, amantes e amadores da Grécia antiga. Menos conhecido, no entanto, ou mesmo totalmente ignorado por milhares de turistas que anualmente visitam a Grécia. Entretanto, sem ele, que saberíamos nós de alguns aspectos essenciais deste país, daqueles que nenhuma escavação, nenhuma ruína poderia restituir?”<sup>15</sup>

É também a impressão de Jean Pauillox, na introdução à edição francesa de Pausânias:

“O pouco de informações que se possui sobre o autor não é suficiente para obscurecer as discussões sobre sua obra. Há muito admitira-se que Pausânias reproduzira fielmente as notas acumuladas em viagens, concordando-as com aspectos históricos e mitológicos, com digressões cultas, que conferem a sua obra um aspecto muito mais elevado do que um simples guia para turistas modernos”.<sup>16</sup>

Pausânias é incisivo, direto, objetivo. Pormenoriza, instiga, descreve, provocando o leitor. Observe-se como ele começa descrevendo a Ática:

“No continente grego, junto às Cíclades e ao Mar Egeu, o promontório de Sounion é um avanço do território Ático. Quando se distancia do promontório vê-se, no topo, o templo de Atenas Sounias, navegando-se mais adiante vê-se Laurion, onde os atenienses tiveram outrora suas minas de prata; há em seguida uma ilha deserta, mas não muito extensa, chamada ilha de Pátroclo, porque Pátroclo lá construíra uma muralha e fundara um campo fortificado”.<sup>17</sup>

Pausânias tornar-se-á referência e seus escritos influenciarão movimento que promove curiosidade e admiração para com a Grécia. Com efeito:

“Os gregos e romanos também foram turistas; também percorreram sítios clássicos, guias turísticos à mão, enfrentando bandidos, depenados pelos nativos, buscando o que lhes diziam ser digno de ver, famintos de atmosfera local”.<sup>18</sup>

Pausânias descrevia a Grécia, sugerindo que ela fosse apreciada. Relacionava geografia, história, impressões, mitologia, opiniões, dados que coletou. Influenciou longa lista de viajantes: Byron, Schiellermann, Peter Levi, Nicholas Cage, Henry Muller, tanta gente, tão diferente. A obsessão pela Grécia é o traço comum:

“O guia da Grécia, portanto, é mais do que um simples roteiro prático de viagem – mais do que um neutro levantamento do que havia para ser visto e de como chegar até lá. Como qualquer autor de guia turístico, antigo ou moderno, Pausânias optou sobre o que incluir, o que deixar de fora e como descrever os monumentos selecionados. Essas opções inevitavelmente acabam por constituir mais (e menos) que uma mera descrição da Grécia. Pausânias oferece aos leitores uma determinada visão da Grécia e da identidade grega e uma maneira particular de sentir a Grécia sob domínio romano. Essa identidade enraíza-se no passado anterior à chegada dos romanos; e sentir a Grécia que ele apresenta implica negar ou pelo menos obscurecer a conquista romana. Seu guia, em outras palavras, dá uma lição de como entender a Grécia. Uma lição que não dependia de ter, literalmente, estado lá ou de efetivamente seguir Pausânias num giro pelas cidades e santuários da Grécia. Ler Pausânias podia ensinar um bocado sobre a Grécia, mesmo que nunca se tivesse colocado os pés lá. Ainda pode”.<sup>19</sup>

<sup>15</sup> Jacques Lacarriere, *Promenades dans la Grèce Antique*, p. 11. Tradução livre do autor. Pausanias. Un nom bien connu de tous les archéologues, hellénistes, amants et amateurs de la Grèce antique. Moins connu, par contre, ou même totalement ignoré des milliers de touristes qui visitent chaque année la Grèce. Pourtant, sans lui, que saurions-nous de certains aspects essentiels de ce pays, de ceux qu’aucune fouille, aucune ruine ne peuvent à elles seules restituer?

<sup>16</sup> Jean Pauillox. *Pausânias, Introduction, L’oeuvre*, p. XIV. Tradução livre do autor. Le peu de renseignements que l’on possédait sur l’auteur n’a pas médiocrement contribué à obscurcir les discussions sur l’oeuvre. Longtemps on avait admis que Pausanias rapportait fidèlement les notes accumulées au cours de ses voyages, les agrémentant certes de développements historiques ou mythologiques, de digressions savantes qui donnent à son livre une allure tout autre que celle d’un guide à l’intention des touristes modernes.

<sup>17</sup> Pausânias. *Description de la Grèce*, p. 20. Tradução livre do autor. Sur le continent grec, du côté des îles des Cyclades et de la mer Égée, le promontoire du Sounion est une avancée du territoire de l’Attique. Quand on longe le promontoire, il y a un mouillage et sur le sommet du promontoire le temple d’Athéna Sounias; en continuant à naviguer plus avant, il y a le Laurion où les Athéniens avaient autrefois des mines d’argent; il y a ensuite une île désert sans grande étendue que l’on nomme l’île de Patrocle, car Patrocle y a construit un rempart et établi un camp retranché.

<sup>18</sup> Mary Beard e John Henderson. *Antigüidade clássica, uma brevíssima introdução*, p. 50.

<sup>19</sup> *Idem, Ibidem*, p. 54.

Essa perspectiva de autoglorificação helênica já era sentida em Tucídides, que anotara, cerca de seis séculos antes de Pausânias:

“Os atenienses, todavia, estavam entre os primeiros a desfazer-se de suas armas e, adotando um modo de vida mais ameno, mudar para uma existência mais refinada”.<sup>20</sup>

Tal tradição encontra-se também em Heródoto, que se propunha a narrar “grandes e maravilhosas explorações dos gregos”<sup>21</sup>. Recordações gregas evocaram, de há muito, certo ufanismo. Pausânias captou essa tendência, desenvolvendo-a, descrevendo uma Hélade que conquistará corações e mentes de viajantes, aventureiros, curiosos, românticos, filósofos, oradores, poetas, artistas, pessoas de todos os gêneros.

O inventário de Pausânias é rigoroso. Tem-se que de sua pena e olhos nada escapa, assim:

“Próximo ao retrato de Demóstenes há um santuário a Ares; duas estátuas de Atenas; outra de Ares, obra de Alcamene; a de Atenas é obra de um Pários, chamado Locros. Há também uma estátua de Enio, que temos por filho de Praxíteles”.<sup>22</sup>

É perene convite para visita a Atenas:

“Na Ágora de Atenas há monumentos que chamam a atenção de todo o mundo, principalmente um altar à Piedade, a quem somente os atenienses cultuam na Grécia, como a divindade mais útil à vida dos homens nas vicissitudes da existência”.<sup>23</sup>

Os escritos de Pausânias consubstanciam o que nossos dias matizariam como excertos de guias de viagem. E tais textos, produzidos com a finalidade de provocar, instigar, vender, afastam-se do real, externando categorias seletivas, destinadas a convencer. Boa parte da admiração que o mundo grego suscita, especialmente em âmbito de teoria política e de prática judiciária vincula-se a sutis manipulações do passado, já realizadas por Pausânias que, nesse sentido, aproxima-se de apressados historiadores do direito que cismam em encontrar no mundo helênico respostas para todos os problemas de nossos tempos. Os mundos são outros, as épocas não são necessariamente resultado de uma evolução. A democracia contemporânea não é passo evolutivo da democracia grega. É apenas um ensaio político de nosso tempo, prenhe de tentativas frustradas e desacertos.

<sup>20</sup>Tucídides. *A guerra do peloponeso*, p. 21.

<sup>21</sup>Heródoto. *História*, p. 5.

<sup>22</sup>Pausânias. *Description de la Grèce*, p. 37. Tradução livre do autor. Près du portrait de Démosthène, il y a un sanctuaire d'Arès, oeuvre d'Alcamène; celle d'Athéna est l'oeuvre d'un Parien, du nom de Locros. Il y a là aussi une statue d'Enyô, qu'ont faite les fils de Praxitèle.

<sup>23</sup>Idem, *Ibidem*, p. 57. Tradução livre do autor. Sur l'Agora d'Athènes il y a des monuments qui n'attirent pas l'attention de tout le monde, en particulier un autel de la Pitié, à laquelle les seuls Athéniens redent un culte en Grèce, comme à la divinité qui est la plus utile pour la vie des hommes et dans les vicissitudes de l'existence.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEARD, M.; HENDERSON, J. *Antigüidade clássica, uma brevíssima introdução*. Trad. de M. Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BLOCH, M. *Introdução à história*. Trad. M. Manuel e R. Grácio; V. Romaneiro. Sintra: Europa-América, 1997.

COLLINGWOOD, R. G. *The idea of history*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

CONNOR, S. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. A. U. Sobral; M. S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

ETIENNE, R. F. *The search for ancient Greece*. [S. l.]: Harry N. Abrams Inc., Publishers, s. d.

HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica*. Trad. M. G. Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

HERÓDOTO. *História*. Trad. B. Broca. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., s. d.

KAZANTZAKIS, N. *Zorba, o grego*. Trad. E. F. Ribeiro e G. Sette. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.

LACARRIERE, J. *Promenades dans la Grèce Antique*. Paris: Hachette, 1991.

LEVI, P. *The hill of Kronos*. New York: E. P. Dutton, 1981.

LOPES, J. R. L. *O direito na história: lições introdutórias*. São Paulo: Max Limonad, 2000.

MANCINI, A. *História da literatura grega*. Trad. G. Manuppela. Lisboa: Estúdios Cor, s. d.

MÜLLER, H. F. *The uses of the past*. New York: Oxford University press, 1957.

PAUSANIAS. *Description de la Grèce*. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

PETTIFER, J. *The greeks: the land and people since the war*. London: Penguin Books, 2000.

SCHAFF, A. *História e verdade*. Trad. M. P. Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEFERIS, G. *Poemas*. Trad. D. Damasceno. Rio de Janeiro: Delta, 1969.

TOYNBEE, A. *A herança dos gregos*. Trad. V. Riveiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

TUCIDIDES. *A guerra do Peloponeso*. Trad. M. G. Kury. Brasília: UNB 1987.